

### 3. FRATERNIDADE E PASTORAL PRESBITERAL

#### Celebração da Penitência

Os Encontros Nacionais dos Presbíteros (ENPs) são verdadeiros presentes do Espírito para a Igreja do Brasil. Estão ajudando a moldar a **identidade** presbiteral na perspectiva do Concílio Vaticano II e da caminhada da Igreja na América Latina. Através dos ENPs começamos a concretizar a **colegialidade** presbiteral, a saborear a alegria da “íntima **fraternidade sacramental**” e a construir a **pastoral presbiteral** que brotam do sacramento da Ordem.

Particularmente o 7º ENP (1998) com o tema “Presbíteros rumo ao Novo Milênio” abordou com profundidade a necessidade da **Pastoral Presbiteral**.

“Cresce em algumas dioceses a consciência de que é preciso dar um acompanhamento especial aos presbíteros. É louvável o esforço da Igreja em oferecer sua presença, apoio e assistência a grupos de pessoas em situações difíceis, criando pastorais específicas, tais como as várias pastorais sociais. Por que não criar uma pastoral específica para **acompanhar os presbíteros?** Sendo pessoas que se doam tanto pelo povo, muitas vezes não têm tempo nem condições de cuidar de si. A comunidade eclesial deverá despertar para cuidar daqueles que entregaram todo seu coração, seu afeto e sua vida a serviço de Deus e de seu povo. Compete ao **bispo** diocesano e ao conselho presbiteral organizar a Pastoral Presbiteral para zelar pela vida e ministério dos presbíteros” (Texto Base do 7º ENP, p 28-29).

O principal agente da Pastoral Presbiteral deve ser o bispo, que, como o bom Pastor, se empenha em valorizar os seus irmãos presbíteros; **conhecê-los com o coração**, para compreender sua história de vida, seus desejos e anseios, bloqueios e limitações. Espera-se do bispo que seja amável e acolhedor, que **promova a unidade** do presbitério em torno de si, como sinal do próprio Cristo. Por outro lado, os presbíteros procurem ser a presença do pastor junto ao povo, na pregação e na ação pastoral. É necessário que o bispo saiba onde mora cada presbítero, como vive, quais as carências e necessidades, para que possa oferecer uma presença de consolo, uma palavra firme e aponte objetivos claros. Um bispo, relatando as conclusões de um trabalho em grupo, dizia nesta assembléia: “Mais que pai, o bispo precisa se irmão dos presbíteros”. Um eco do evangelho que escutamos: “Não chameis a ninguém na terra de pai, pois um só é vosso Pai... e vós sois todos irmãos. Pelo contrário, o maior dentre vós deve ser aquele que vos serve” (Mt 23, 9-11)

O bispo com os presbíteros, e esses com o bispo promovam um ambiente saudável, de **unidade e amizade**, na própria Igreja local, na plena consciência de serem juntos sacramento do Corpo de Cristo. Com sabedoria e realismo, assim expressou-se o Pe Alberto Antoniazzi nesta assembléia: “Não devemos ter medo de fazer propostas exigentes, contra a correnteza, contra a tendência individualista e hedonista. Podemos apostar num presbitério como verdadeira comunidade fraterna. E se não o fizermos, veremos os padres da diocese procurar solidariedade, fraternidade e entusiasmo em outros ambientes”.

À luz do evangelho que escutamos, (Mt 20, 20-28) vamos refletir sobre o **valor da fraternidade**. Vamos contemplar nosso Mestre e Senhor Jesus como irmão de todos. Esse é um dos aspectos da sua personalidade que mais transparece nos evangelhos. “Para salvar-nos, Jesus veio a nós, misturou-se conosco, viveu entre nós no contato mais familiar e mais estreito. Para a salvação dos irmãos, nós também precisamos ir até eles, misturar-nos com eles, viver em íntimo contato familiar” (Charles de Foucauld). Através de suas ações e palavras, Jesus nos ensina que a fraternidade que nasce da paternidade divina é uma urgente **necessidade**, um **sonho**, uma **humilde experiência**, um precioso **dom de Deus**.

### **A fraternidade é uma urgente necessidade**

Ninguém vive sem amor. **Amar e ser amado** constitui a dupla via do amor. Nossa formação, de um modo geral, acentuou a dimensão oblativa do amor: sair de si mesmo, servir os outros. Por isso, temos certa dificuldade para nos deixar amar, para acolher o amor dos outros. Damos a impressão de que gastamos tanto tempo para nos tornar cultos, superiores, juizes dos outros. E que temos a tendência de controlar nosso tempo, os agentes de pastoral, as finanças.

Quando alguém **aceita ser amado**, perde um pouco o poder que possui, pois se deixa influenciar e, de certa forma, conduzir pelo outro. O medo de perder o controle explica as resistências de muitos para partilhar os sentimentos, as crises, os fracassos. Por causa disso e em função da organização hierárquica da Igreja, nossas relações vão se tornando demasiado **verticais** e funcionais. Estamos prensados entre o bispo e o povo, que nos cobram de diferentes maneiras. Deste modo, é difícil estabelecer relações **horizontais**. E acabamos sendo privados das relações de igualdade e reciprocidade, essenciais para a amizade, e que realmente nos humanizam e personalizam.

A **identidade pessoal** não pode ser descoberta apenas com a pergunta: “Quem sou eu?” Correríamos o risco de encontrar uma identidade individualista, fechada em si mesma. Urge também perguntar: “Com quem ando? Com quem sou? De quem sou? Para quem sou?” As respostas a estas perguntas configuram relação, totalidade, busca de plenitude.

O coração fraterno possui muitas manifestações: **dar, receber, pedir, agradecer**... Aprender a dar, receber, pedir idéias, tempo, coisas, atenção, consolo... Quando meditamos a parábola do bom samaritano, geralmente nos identificamos com aquele que socorre, nunca com o caído, o necessitado. É preciso sentir-se livre para conseguir pedir, receber gratuitamente e saber dizer: “gracias”! Saber receber sem se intrometer na vida dos outros. Receber uma criança, um mendigo, um aidético, um casal divorciado, uma prostituta... Amar com transparência, sem controlar, sem possuir. Na homilia de ação de graças pela recuperação de Dom Luciano Mendes de Almeida, após aquele grave acidente, em 1990, Dom Serafim Fernandes pronunciou estas tocantes palavras: “Dom Luciano ama a cada pessoa com a mesma naturalidade com que toma um copo d’água”.

“Em nosso coração existe **mais amor** do que somos capazes de expressar”, afirmou Segundo Galilea durante um retiro. Há em nós bloqueios afetivos, desconfianças, preconceitos, medo de sermos incompreendidos ou mal interpretados. No entanto, as pessoas que nos cercam, principalmente aquelas que trabalham e convivem conosco precisam saber e sentir que nós as amamos. Relacionando-nos assim, daremos sentido também para a opção do **celibato**. Esta deve possibilitar maior liberdade e abertura para amar a todos, vencendo a tentação de controlar, possuir, dominar. Na opção celibatária, a relação homem/mulher exerce um papel importante, pois a castidade por causa do Reino imprime no presbítero a capacidade de estabelecer relações maduras com outras pessoas, tanto homens como mulheres. Este relacionamento em nível de igualdade e reciprocidade da amizade é indispensável para o nosso crescimento e amadurecimento humano, afetivo e espiritual.

### **A fraternidade é um sonho**

A fraternidade universal é o maior sonho de Deus. Coincide também com o sonho do coração de cada pessoa humana: **ser e viver como irmãos**, superando toda espécie de preconceitos e divisões!

Um dos pecados dos cristãos de hoje é a **incapacidade de sonhar**. Nossos sonhos vão se tornando pequenos, mesquinhos, rasteiros, insignificantes. Com a desculpa de sermos realistas, concretos, práticos, eficientes, acabamos presos ao convencional, ao jurídico, ao institucional, às rubricas, ao imposto. Não será por este motivo que tantos jovens abandonam a Igreja? No entanto, foi Jesus quem nos revelou o sonho que nenhuma religião descobriu: Deus é Pai que nos ama com coração de mãe! O Deus que estava longe como Senhor Altíssimo, chegou perto de nós como Abba, Papai! No retiro que orientou para os bispos na 35ª Assembléia da CNBB, em 1996, Frei Carlos Mesters lembrava: “No Primeiro Testamento, Deus é chamado de Pai só 15 vezes. No Segundo Testamento, que é três vezes menor que o Primeiro, Deus é chamado de Pai 245 vezes! É a explosão de uma experiência nova de Deus e da vida! **Deus é Pai com coração de mãe!** Esta é a grande boa notícia que Jesus nos trouxe”.

O abismo que separa povos desenvolvidos e subdesenvolvidos, brancos e negros, homens e mulheres, prova que não reconhecemos a paternidade de Deus e estamos longe de viver a fraternidade universal. A sociedade piramidal, classista e excludente é antítese do cristianismo. Na fraternidade nos esforçamos para sermos continuadores da primeira comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus. “Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos **vós sois irmãos**. A ninguém chameis de Pai sobre a terra, pois tendes **um só Pai** que está no céu. Nem permitais que vos chamem ‘Guias’, pois um só é vosso guia, Cristo. Antes, o maior entre vós será aquele que vos serve” (Mt 23,8-10).

O novo céu e a nova terra que sonhamos é **mesa redonda** com espaço igual para todos, com pão repartido entre todos, conforme o sagrado direito da necessidade de cada um. Se o neo-liberalismo é, em sua própria

essência, excludente, o **cristianismo** é visceralmente acolhedor e **includente**, a partir dos últimos que na ótica do Reino são os primeiros. Vivendo entre os nômades do deserto, entre os tuaregues e os muçulmanos, Charles de Foucauld relata que um dos dias mais felizes de sua vida foi quando estes pobres chamaram sua choupana de “fraternidade” e a ele de “irmão universal”! Na Divina Comédia, Dante Alighieri descreve Francisco de Assis e os seus companheiros na glória do paraíso e diz que “eles encantaram o mundo com a sua concórdia (fraternura: fraternidade+ternura, dizem hoje os franciscanos) e com o seu rosto alegre”.

Os sonhos cristãos são sociais, coletivos, envolvem homens e mulheres de todas as classes e nações, de todas as raças e línguas, de todas as culturas e religiões. Nos últimos anos, quem mais encarnou este sonho entre nós, foi o Betinho, o militante da utopia. Revelou o rosto de 32 milhões de brasileiros excluídos, despertou a indignação ética e congregou pessoas e entidades na luta por pão, emprego e terra para todos. Um amigo que o conhecia bem, assim concluiu o comentário sobre a sua morte: “Se houver céu, Herbert de Souza é uma das presenças improváveis. É do tipo que sentará na porta e só entrará quando todos os outros chegarem”.

### **A fraternidade é uma humilde experiência**

A fraternidade é algo concreto que vai se tecendo no dia a dia de nossa existência. É uma história de criaturas **carentes e frágeis**, mas que sabem repartir o riso e as lágrimas, os êxitos e os fracassos, os sonhos e as esperanças.

Na fraternidade aprendemos a **respeitar** os outros em suas **diferenças**. “Se pensas diferente, tu me enriqueces”, diz Dom Helder Câmara. Em todas as relações humanas (não só entre os casais), cedo ou tarde, aparecem as diferenças. Numa fraternidade onde não surgem confrontos, dificilmente se cresce no amor, dificilmente se constroem sólidas amizades. É preciso ter a coragem de interrogar-se mutuamente, com **suavidade e franqueza**, sem ter medo das tensões e dos possíveis confrontos. A falsa amizade vai minando e destruindo as relações fraternas.

Não seremos humanos enquanto, de modo consciente, não nos sentirmos fracos e carentes para necessitar de ajuda, compreensão e consolo de nossos irmãos. Ser fraterno é permanecer **aberto e vulnerável** para criar vínculos. Transcrevo aqui o testemunho sobre um bispo, narrado por um presbítero, meu amigo:

“Certa ocasião, conhecendo D. Valter Bini, sem saber que já era a despedida (porque ele partiu, logo depois, num acidente), perguntamos, um amigo e eu, como ele vivia sua vida de bispo em Lins, quais os maiores desafios etc. Ele respondeu-nos que procurava aproximar-se muito das pessoas, ouvi-las, dialogar, participar de sua vida. Buscava reduzir ao máximo suas horas de “burocracia eclesiástica” para ir ao encontro das pessoas. Neste quadro, o maior desafio, o maior sofrimento, disse-nos ele, era o de não conseguir muitas vezes, por diversos fatores, ser bem achegado, colocando-se bem perto mesmo. E então contou-nos um fato que agora, na luz do Ressuscitado, não deve mais provocar-lhe a tristeza que vimos no seu

rosto, porque ali toda a lágrima será enxugada...Tratava-se de uma jovem, colaboradora na Cúria e na pastoral, muito próxima do bispo no cotidiano, que um dia viajou inesperadamente para uma cidade vizinha, e lá, no hospital, veio a falecer. *Causa mortis*: complicação no parto de uma criança não-desejada. Ambas morreram. D. Valter, ao falar, transmite toda a dor sincera que o invadia: ‘Como é possível que uma pessoa que está sofrendo ao nosso lado não tenha a coragem de abrir o coração?’ Sua interrogação se desdobrava em lamento ante o irremediável” (Pe Antonio Reges Brasil, Cadernos Vocacionais 26, Loyola, 1991, p 66).

“Todos nós precisamos de um ombro para chorar, para partilhar nossos fracassos, crises e sofrimentos”, costuma afirmar o Pe Dalton Barros. E quem é que compreende melhor o padre se não o outro padre? Dom Eduardo Koaik disse-nos nesta assembléia que “formadores dos presbíteros são os próprios presbíteros, pois se conhecem mutuamente e conhecem também suas potencialidades e fragilidades”. Aprendemos a ser presbíteros uns com os outros. Aprendemos a ser presbíteros olhando também para o testemunho de nossos bispos, nossos irmãos mais velhos, mais experientes, com a plenitude do sacramento da Ordem para serem modelos no amor e no serviço. Sob este aspecto considero-me privilegiado, pois tive a graça de viver perto e aprender de três bispos que amo e admiro muito: Dom Ivo Lorscheiter, Dom Jayme Chemello e Dom Paulo Moretto.

Bom presbítero, não é aquele que se julga sempre forte, vencedor, bem sucedido em tudo o que faz. Pelo contrário, tem melhores condições de crescer aquele que faz a experiência de suas **carências e fragilidades** e se deixa amar, ajudar e conduzir por Deus e pelos irmãos. “Quando eras jovem, tu mesmo te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres” (Jo 21,18).

Fraternidade é um intercâmbio de vida para continuar peregrinando, pois também o amor se cansa. E quantos presbíteros caminham feridos, amargurados, cansados, quase mortos! A fraternidade possibilita uma humilde experiência que nos ajuda a caminhar com **alegria e esperança**, apesar das dificuldades e crises. Constitui, em última instância, uma comunidade de Igreja, espaço que viabiliza “as íntimas relações interpessoais na fé” (cf. Puebla 641) e a experiência do encontro com Jesus. Como os discípulos de Emaús, através da partilha das preocupações, da Palavra e da Eucaristia, descobrimos a presença de Jesus, o Bom Pastor Ressuscitado que caminha à nossa frente.

### **A fraternidade é um precioso dom do Senhor**

A fraternidade é difícil. Exige mansidão, humildade, paciência, perseverança. Podemos completar a lista lendo 1Cor 13. Só o amor de Deus, derramado em nossos corações pelo seu Espírito, pode nos revestir da graça da fraternidade e do dom da amizade.

Francisco e Clara de Assis, Carlos de Foucauld, Mahatma Gandhi, João XXIII, Martin Luther King, Teresa de Calcutá, Oscar Romero, Helder Câmara, santos e santas de ontem e de hoje, tinham uma idéia fixa: chegar

a ser **irmãos universais** de cada pessoa, acima de qualquer cor, idade, raça, sexo, cultura, religião. Na fraternidade pretendemos viver esta mesma aventura através da acolhida, do encontro, do serviço, do diálogo. Hoje, muitos buscam a felicidade apenas no acúmulo dos bens, no consumismo, no hedonismo. Nunca irão achá-la, pois ela só existe no **encontro amoroso**, respeitoso, cordial. “Abrir-se para uma atitude de acolhida do outro, em especial de quem pertence a tradições religiosas e culturais diferentes. A acolhida se refere especialmente às suas experiências espirituais mais profundas. Esta atitude está alicerçada num espírito de **tolerância e respeito** e se realiza mediante o **diálogo aberto**, que valoriza a experiência do outro e o ajuda na sua busca, sem julgar, nem condenar, nem impor” (DGAE 1995-1998, n.346). E completa Charles de Foucauld: “Dar-se a todos para dá-los a Jesus – tendo para com todos bondade e afeição fraterna, prestando todos os serviços possíveis, afetuoso nos contatos, terno irmão para todos, a fim de conduzir pouco a pouco as almas a Jesus, praticando a sua mansidão”.

Para ser cristão é indispensável **aprender a ser amigo**, tornar-se especialista em amizade. Creio que sem trair o sentido radical de Jo 15,13, podemos traduzir **“amor maior”** por amizade. Jesus, Irmão de todos, Mestre na arte de amar, nos ensina que a amizade é a forma mais concreta, visível, universal e credível de viver o novo mandamento. Todas as outras formas de amor, se não forem acompanhadas pela a amizade, acabam se diluindo e morrendo. Acerta em cheio o poeta gaúcho Mário Quintana quando diz: “A amizade é uma espécie de amor que não morre nunca”!

Para enfrentar a avassaladora onda de individualismo e exclusão de nossa época, começa a crescer, em toda a parte, o sentimento de **solidariedade** e a busca de integração e de unidade. “Outro mundo é possível” e nós cristãos temos contribuição imprescindível a dar! Para os presbíteros, o fundamento teológico desta busca, além do mandamento novo, é “a íntima fraternidade sacramental” gerada pela ordenação. “Os presbíteros, estabelecidos na Ordem através da Ordenação, estão ligados entre si por uma **íntima fraternidade sacramental**; de modo especial formam um só presbitério na diocese para cujo serviço estão escalados sob a direção do Bispo. Com os demais membros deste presbitério, cada qual está unido por laços especiais de caridade apostólica, de ministério e fraternidade” (PO 8).

A fraternidade, decorrência e fruto do Sacramento da Ordem, precisa descobrir muitas formas para ser vivida e testemunhada entre os presbíteros e com o povo. “O ministério ordenado necessita recuperar sua vivência colegial. O Vaticano II redescobriu a natureza comunitária do ministério ordenado. Essa comunhão precisa ser vivenciada afetiva e efetivamente em todos os graus do ministério: na **colegialidade** episcopal e na **corresponsabilidade** presbiteral no interior de cada Igreja Particular. A forma individualista do ministério ordenado, além de ser uma traição à sua própria essência, é um dos principais entraves à realização de uma Igreja toda ela responsável pela missão” (DGEV 1995-1998, n.327).

Um cristão-presbítero isolado não descobriu a essência do cristianismo e nem do sacramento da Ordem. O individualismo nos isola,

corta relações. A fraternidade cria laços gerados pela graça do encontro e da amizade. O Pe. Nildo Júnior, da Arquidiocese de São Paulo (Região de São Miguel), morto num acidente automobilístico com apenas dois anos de ministério, costumava repetir aos irmãos do seu presbitério: **“Somos tão poucos, precisamos nos amar muito”!**

A fraternidade é um precioso dom que devemos suplicar ao Senhor todos os dias. Na intimidade com o Bem Amado Irmão e Senhor Jesus e na graça da amizade aprenderemos a olhar o mundo com os **olhos de Deus** e a amar as pessoas com o **coração de Deus Pai e Mãe**. Permitiremos, assim, que o Amor do Bom Pastor passe aos irmãos e às irmãs através do nosso amor e da nossa caridade pastoral.

Jo 15,9-17; 1 Jo 3,13-24 e 4, 7-21; Rm 12,8-18; Cl 3,12-17; Cor 13, 1-13